**METODOLOGIA DA ALFABETIZAÇÃO**

 Hellen Keli Rodrigues Leite

**RESUMO**

A presente pesquisa visando a importância sobre a metodologia da alfabetização o principal estudo é verificar a metodologia da alfabetização. Metodologia utilizada na pesquisa foi bibliográfica, realizada através da análise e correlação de fatos e fenômenos sem a manipulação dos mesmos considerando as contribuições de autores como Emília Ferreiro, Naspolini (1996, p.189), Goodmann (1967) e Smith (1971) entre outros. Concluiu-se que todos os professores têm uma grande responsabilidade na alfabetização dos brasileiros, ajuda-los a se tornarem sujeitos de sua própria história, refletir na metodologia da alfabetização, evidente que o papel da pesquisa na formação docente vai muito além da questão do professor/reflexivo, deve entender que alfabetizar é mais do que ensina-los a decifrar código das letras ou simplesmente traça-las, deve auxiliá-los a compreender que, por trás das letras há significados.

**Palavras chave:** Metodologia. Alfabetização. Letramento. Professor.

**Introdução**

A pesquisa presente tem como tema metodologia da alfabetização, no mundo contemporâneo, ocorreram várias mudanças rápidas e significativa em muitos campos, inclusive no pedagógico. Dessa forma, é primordial ao professor repensar suas atitudes e concepções teóricas de forma a conseguir ser e fazer, de fato, um educador que faz diferença no mundo de hoje. Com tudo nos faz pensar em questões que nortearam este trabalho.

* Na alfabetização e letramento qual a melhor metodologia a ser usada?
* Quais são os objetivos dos métodos?

Dessa forma nos faz pensar se existe uma maneira correta já que, as crianças de hoje têm as tecnologias que disponibilizam informações em tempo mais rápido e atual que a escola.

Nesse sentido, há uma ampliação da questão metodológica, não se reduzindo a métodos clássicos de alfabetização, mas referindo-se a [...] um conjunto amplo de decisões relacionadas ao como fazer e implica decisões relativas a métodos, à organização da sala de aula e de um ambiente de letramento, à definição de capacidades a serem atingidas, à escolha de materiais, de procedimentos de ensino, de formas de avaliar, sempre num contexto da política mais ampla de organização do ensino [...] (FRADE, 2007, p. 29).

Assim o objetivo principal deste estudo é verificar a metodologia da alfabetização. É importante salientar que cada método de alfabetização se constrói com base em duas concepções: quanto ao que é linguagem e a forma como a criança aprende.

Para alcançar os objetivos propostos na pesquisa, utilizou-se como recurso metodológico a pesquisa bibliográfica, realizada através da análise e correlação de fatos e fenômenos sem a manipulação dos mesmos.

**Desenvolvimento**

De acordo com Luciana de Luca em seu livro Metodologias da alfabetização na alfabetização há um problema presente em relação às letras, pois essas, para quem ainda não sabe escrever, são apenas representações é preciso entender e saber que cada uma dessas representações vale de símbolos e som para cada letra, ainda, requer a conscientização da percepção auditiva. O professor tem que ter exata noção de que, antes de aprender a escrever determinada ideia, a criança já aprendeu a “falar” aquela ideia. Para isso ela utiliza outro mecanismo e outras palavras.

Segundo Naspolini (1996, p.189), “o desenvolvimento do homem se inicia com o nascimento sendo assim, quando a criança chega à escola já percorreu um longo caminho, tanto no desenvolvimento quanto na aprendizagem. Por tanto a aprendizagem não começa no vazio”. Na teoria Vygotsky e Piaget defende que a criança não é um adulto em miniatura, e sua mente funciona diferente.

 Fruto de uma pesquisa feita pela autora Emília Ferreiro, com crianças e descreve o processo por meio do qual a escrita se constitui como objeto de conhecimento para a mesma. Antes de Ferreiro, alfabetização já era muito discutida, mas sempre sob a perspectiva de “como ensinar”. O grande diferencial dessa teoria é que a autora mudou o foco da alfabetização para “como aprender” (Weisz, 2005).

Para a pesquisadora Emília Ferreiro: "... A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa." O modo de alfabetização onde o aluno só cópia ou segue um modelo preestabelecido (como era aplicado nas práticas de alfabetização), o aluno não reflete e não pode ser considerado ativo.

O processo de ensino não deve ocorrer de forma mecânica onde cabe ao aluno só transferir do quadro para o caderno, ou seja, copiando, afirma ferreiro; Teberosky, 1985, P.29 (...) um sujeito que está realizando algo materialmente, porém, segundo as instruções ou modelo para ser copiado, dado por outro, não é, habitualmente um sujeito intelectualmente ativo.

Como discípula de Piaget, Emília Ferreiro, ao estudar as formas pelas quais as crianças constroem sua escrita, Ferreiro colocou como motor dessa aprendizagem o próprio sujeito, ativo e inteligente, conforme Piaget descreveu. Por tanto de repente, o panorama da educação da alfabetização brasileira se abriu para a concepção de que o aluno precisa pensar e agir para ser alfabetizado (Weisz, 2005).

De acordo com Emília Ferreiro citado por Luciana de Luca em seu livro Metodologias da alfabetização na verdade os primeiros rabiscos, elementos presentes na fase inicial da escrita, são uma forma de a criança, enquanto sujeito pensante, elaborar tentativa de escrever convencionalmente e que não deixam de ser considerados escrita. Os “rabiscos” são então escritas pré-silábicas.

Outro conceito de que aluno errou na tentativa de escrever, sofreu alteração depois do conhecimento da pesquisa de Ferreiro, pois trouxeram outras formas de visão a esse “erro”, mostrando que, na verdade, as escritas que eram consideras “erradas” são parte do processo de aprender a escrever “certo”. Foram encontrados vários níveis de desenvolvimentos por Ferreiro; Nível pré-silábico, Nível silábico, Nível silábico-alfabético e Nível alfabético.

A ideia de utilizar métodos de alfabetização na docência é fruto de concepções diferentes das que estão vigentes hoje, mas esse assunto ainda é alvo de muita discussão. Veja o que diz a consultoria do Ministério da educação(MEC) Lucia Lins do Rego:

Toda esta tradição estava vinculada a concepção segundo a qual a aprendizagem inicial da leitura e da escrita tinha como foco fazer o aluno chegar ao conhecimento das palavras garantindo-lhe o domínio das correspondências fonográficas. [...] tratava se de uma visão comportamental da aprendizagem que era considerada de natureza cumulativa, baseada na cópia, na repetição e no esforço. A grande ênfase era nas associações e na memorização das correspondências fonográfica, pois se desconhecia a importância de a criança desenvolver a sua compreensão do funcionamento do sistema de escrita alfabética e de saber usá-lo desde o início em situações reais de comunicação. (Rego,2007)

O professor precisa desenvolver a capacidade de interpretação própria da realidade para que possa apreendê-la e compreendê-la. Dessa forma, ele estará contribuindo com a construção de uma prática pedagógica competente no ensino de produção de texto. Faz-se necessário que o docente seja um pesquisador sobre abordagens da linguagem para ampliar a compreensão da produção de texto de seus alunos.

Com tudo é preciso salientar que, ao contrário do que muitos dizem, por falta de embasamento teórico, Emília Ferreiro não criou um método de alfabetização, mas com os resultados de sua pesquisa, demonstrou como se realiza a construção da linguagem escrita na criança, oferecendo aos educadores, sem dúvida alguma, caminhos para uma alfabetização na qual o aluno seja o centro, o construtor de sua aprendizagem.

 Ao falar de alfabetização nos faz refletir na didática docente, a ação docente é mais do que uma simples transmissão de conhecimento, ela pode promover a real aprendizagem do aluno. No processo ensino-aprendizagem requer uma dedicação referente à forma como serão trabalhados os assuntos em sala de aula. Para Nóvoa (1995),” não há ensino de qualidade, nem reforma educativa, nem inovação pedagógica sem uma adequada formação de professores” além disso, percebe-se que há novas interpretações acerca dessas realidades, sendo necessário se criar novos métodos acerca da produção textual, nesse novo contexto: avanços tecnológicos, linguagem virtual - “vc”, “pq”, entre outras.

 O processo de ensino-aprendizagem vai além de apenas ensinar mecanicamente, como ainda é possível nos dias de hoje vivenciar por profissionais. Exige dedicação, acolhimento do professor para com o aluno, assim cria se confiança, começa a nascer o desejo do aluno no saber. Nas palavras de Moran, Masetto e Behresns (2000, p.12) O foco da educação.

 “Além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, ter uma visão de totalidade. Educar é ajudar a integridade todas às dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional, que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos.”

Sendo assim as situações mostram que o processo de alfabetização inclui muitos fatores e exige do alfabetizador a ciência de como ocorre a aquisição do conhecimento, da natureza da realidade linguística, envolvida no momento em que acontece a alfabetização e de como ele terá de coordenar o processo de ensino- aprendizagem, a alfabetização requer, de acordo com Soares.

[...] o processo de alfabetização deve levar a aprendizagem não de uma mera tradução do oral para o escrito, e deste para aquele, mas à aprendizagem de uma peculiar e muitas vezes idiossincrática relação fonemas- grafemas, de um outro código, que tem em relação ao código oral, especificidade morfológica e sintática, autonomia de recursos de articulação do texto e estratégias próprias de expressão/compreensão (SOARES, 2011, p. 17).

O professor em sua docência deve saber, não basta oferecer à criança uma infinidade de material escrito, é necessário orientá-la sistemática e progressivamente, para que essa possa apropriar-se do sistema de escrita. Isso não é feito com textos sem nexo, desvinculados do contexto.

Saber ler e escrever significa ter capacidade de ler e escrever qualquer gênero, como ler um livro, revista ou escrever cartas, apropriar-se da língua, empregá-la socialmente. Quando a criança possui tais domínios ela se torna alfabetizada e letrada, visto que alfabetizado é aquele que é capaz de ler e escrever, e letrado é quem usa socialmente a leitura e a escrita, e as pratica. Por isso, Magda Soares postula que.

Ler é um processo de relacionamento entre símbolos escritos e unidades sonoras, e é também um processo de construção da interpretação de textos escritos. Dessa forma, ler estende-se desde a habilidade de simplesmente traduzir em sons sílabas isoladas até habilidades de pensamento cognitivo e metacognitivo; inclui, entre outras habilidades, a habilidade de decodificar símbolos escritos; a habilidade de captar o sentido de um texto escrito. Soares (2003)

Assim caracteriza-se o letramento, sendo este, “o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. O estudo é a condição que adquire um grupo social e um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais”. (SOARES, 2003).

A alfabetização seguida do letramento é um elemento importante não só na produção de um texto como também na solidificação da democracia, são temas amplamente analisados e discutidos pelos acadêmicos e profissionais docentes. Pode-se afirmar que o letramento é um continuo da alfabetização, visto que os dois processos estão diretamente ligados, embora enfoquem aspectos diferentes. Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado.

Convém destacar que, quando realiza a prática educativa, o professor não estará diante de uma sala de aula em que todos os alunos estejam na mesma fase (proposto por Emília Ferreiro), e possam ser considerados homogêneos. O que se vê na maioria das escolas são classes heterogêneas, compostas por crianças com vivências diferentes, oriundas de famílias com diversas formações, em que as histórias e singularidades de cada um faz a diferença.

Com a inserção do conceito de letramento no ensino, o professor alfabetizador passa a “alfabetizar-letrando” os seus alunos. Para isso precisa tanto ensinar os conhecimentos linguístico necessários ao domínio dos processos de codificação e decodificação quanto (e simultaneamente) desenvolver o processor de letramento na exploração dos diferentes tipos de texto. (Silva,2006).

De acordo com Ceale (UFMG, 2003), os cinco eixos fundamentais de trabalho a serem considerados para a prática do professor alfabetizador para alfabetizar-letrando: Compreensão e valorização da cultura escrita: para que a criança amplie seu grau de letramento e possa além de conhecer, utilizar e valorizar os modelos de manifestação e circulação da escrita na sociedade, bem como conhecer os usos e as funções da escrita, desenvolvendo as capacidades necessárias para escrever;

Apropriação do sistema de escrita: para que a criança adquira as noções das regras que orientam a leitura e a escrita no sistema alfabético e, possivelmente, tenha domínio da ortografia da língua portuguesa;

Leitura: para que a criança possa tanto decodificar o código linguístico quanto compreender o que lê construindo sentidos;

Produção de texto: para que a criança possa compreender a escrita como prática social e, por consequência, cultura;

Desenvolvimento da oralidade: para que a criança possa tanto conhecer e valorizar práticas de linguagem diferentes da sua, como ter a sua valorizada, para apropriar-se da linguagem considerada padrão, legitimando sua linguagem cultural.

Segundo Rangel (2008), há várias atividades que podem ser realizadas pelo professor para alfabetizar crianças dentro do princípio de letramento, atividades como; de compartilhamento de história, utilizando o dicionário, em que o professor leia para as crianças, incentive a escrita, estimulem a oralidade. Acreditavam que no tema alfabetização, haviam sido descobertas todas as facetas e os métodos pertinentes à tarefa de alfabetizar. Surge o conceito de letramento, que balança as bases da alfabetização, e requerem novos estudos, novas reflexões, novos resultados, novas propostas.

Fica provado que o conhecimento é realmente algo em constante crescimento. Dessa forma, ao escolher uma maneira para alfabetizar alguém, é importante pensar na alfabetização não como um conjunto de regras e procedimentos, mas sim como um desvendar de um mundo, um acesso para as coisas da vida.

**Conclusão**

Diante do exposto, concluiu-se que todos os professores devem-se utilizar a melhor metodologia em sala de aula para que assim possa obter um processo ensino-aprendizagem com qualidade, para isto deve se permanecer um professor pesquisador que busque novos caminhos, que possa refletir, dedicado e inovador na prática docente.

Alfabetizar deve ser mais do que os ensina-los a decifrar código das letras ou simplesmente traça-las, deve auxiliá-los a compreender que, por trás das letras há significados e que podem usar sua linguagem para melhorar de vida, para crescer. Sem dúvida, é abrir oportunidades e deve ser uma ação responsável, que exige comprometimento, estudo e atualização constante.

Alfabetização e letramento são temas amplamente analisados e discutidos nos meios acadêmicos e profissionais, contudo o letramento não é alfabetização. Assim caracteriza-se o letramento, sendo o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e da escrita.

Desta forma destaca-se o professor em sua didática como ser, e fazer sempre o seu melhor, mesmo que a realidade seja desmotivadora com alunos desinteressados. Pois nos dias de hoje onde tudo é muito rápido, torna-se cansativo ouvir, esperar dentro de uma sala fechada, por isso cabe ao professor como docente buscar meio para interagir com este, mostrando o sentido à importância de aprender e praticar a leitura, e escrita. Sabendo que cada aluno traz consigo uma bagagem, cada um sabe um pouco, pois a educação não começa do vazio.

Por fim, é necessário enfatizar que, se a escola existe em função da criança, não deverá ser esta que deve adaptar-se à escola, mas a escola adequar-se ao tipo de crianças que a compõem e respeitar seu tempo e suas diferenças. Não existe uma única e perfeita forma para ensinar alguém. O que existe, são estratégias diferentes de ensino – aprendizagem.

**REFERÊNCIAS**

A LEITURA PARA ALÉM DA DECODIFICAÇÃO. Disponível em:

http://alb.org.br/arquivomorto/edicoes\_anteriores/anais17/txtcompletos/sem13/COLE\_3579.pdf. Acesso em 27 de julh de2017

Aquisição de Leitura e Escrita Processos mentais existentes na leitura e produção de textos. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/linguistica/5582934>. Acesso em 26 de julh de2017

CONTINUIDADES NOS CONCEITOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DOS PROGRAMAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: PRÓ- LETRAMENTO E PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA. Disponível em: https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/viewFile/3713/3101. Acesso em 27 de julh de2017

HAMZE, Amelia. Alfabetização ou letramento? Disponível em: http://educador.brasilescola.uol.com.br/trabalho-docente/alfabetizacao.htm. Acesso em 25 de jul. de 2017

JUSTINO, Marinice Nata. **Pesquisa e recursos didáticos na formação e prática docentes.** Curitiba. XIPEX. 2012

PRÁTICA PEDAGÓGICA ALFABETIZADORA: QUESTÕES DE LETRAMENTO. Disponível em: http://www.leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.3\_GT.4/5\_Georgyanna%20Andr%C3%A9a%20Silva%20Morais%20e%20Antonia%20Edna%20Brito.pdf. Acesso em 26 de julh de2017

Refletir é viver Emilia Ferreiro. Disponível em: http://estudarafilosofia.blogspot.com.br/2013/11/emilia-ferreiro.html. Acesso em 26 de julh de2017

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Formação e profissionalização docente.** Curitiba. INTERSABERES. 2013

VALLE, Luciana de Luca Dalla. **Metodologias da alfabetização.** Curitiba. INTERSABERES. 2014